



O LUGAR DO CORPO NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE JOVENS *NIKKEI**

Natalia Takaki¹
Jaison José Bassani²

RESUMO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa realizada por meio de nove entrevistas semiestruturadas, cujo objetivo foi identificar e analisar o lugar do corpo nos processos de construção identitária de jovens descendentes de japoneses residentes na cidade de Curitiba, participantes ou não de atividades ou instituições relacionadas à cultura oriental. Os resultados revelam: a) que a aparência expressa um suposto perfil de comportamento ou um conjunto de valores percebidos como tipicamente característicos da cultura oriental; b) o corpo nikkei surge também como desviante, uma vez que os seus padrões não coincidem com os ideais de beleza vigentes na sociedade brasileira, aspecto que promove práticas de preconceito e exclusão, levando-os a buscar nichos protetores e acolhedores em clubes e associações enquanto forma de agregação, mas também a buscar estratégias que lhes permitam livrar-se das faltas e excessos do corpo.

Palavras-chave: Identidade; Corpo; Nikkei; Juventude.

THE PLACE OF BODY IN THE IDENTITY CONSTRUCTION PROCESS IN YOUNG *NIKKEI*

ABSTRACT

This paper presents results of a research with young Japanese descendants involved or not with oriental activities, inhabitants of the Curitiba city (Brazil). Nine semi-structured interviews were carried out and analyzed toward reaching identity and the role of body in the process of identity in young people. The results suggest: a) the proper look expresses a supposed behavior or a group of values thought typically related to the Asian culture; b) the Nikkei body appears as a deviant one, since its pattern does not coincide with the ideal beauty in Brazilian society. It promotes prejudice and exclusion, driving them to look for protection and welcoming niches in clubs and associations as a way of gathering, but also a strategy that allows them to set themselves free from the flaws and excesses of the body.

Keywords: Identity; Body; Nikkei; Youth.

EL LUGAR DEL CUERPO EN LOS PROCESOS DE CONSTRUCCIÓN IDENTITARIA DE JÓVENES *NIKKEI*

RESUMEN

La presente investigación, realizada por medio de entrevistas semiestruturadas con nueve jóvenes descendientes de japoneses residentes en la ciudad de Curitiba (PR), tuvo como objetivo identificar y analizar el lugar del cuerpo en los procesos de construcción identitaria de dichos jóvenes,

* O presente trabalho contou, para sua realização, com apoio financeiro do Programa Reuni sob a forma de bolsa de Mestrado.

¹ Licenciada em Educação Física e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, Brasil. E-mail: <nataliatakaki@gmail.com>.

² Doutor em Educação e Professor do Departamento de Educação Física e dos Programas de Pós-graduação em Educação Física e Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, vice-coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq), Brasil. E-mail: <jaisonbassani@uol.com.br>.



participantes o no de actividades o instituciones relacionadas a la cultura oriental. Los resultados revelan: a) que la apariencia expresa un supuesto perfil de comportamiento o un conjunto de valores percibidos como típicamente característicos de la cultura oriental; b) el cuerpo nikkei surge también como desviado, una vez que sus patrones no coinciden con los ideales de belleza vigentes en la sociedad brasileira, aspecto que promueve prácticas de prejuicio y exclusión, llevándolos a buscar nichos protectores y acogedores en clubes y asociaciones como forma de agregación, así como también estrategias que les permitan liberarse de las faltas y excesos del cuerpo.

Palabras clave: Identidad; Cuerpo; Nikkei; Juventud.

Introdução: corpo e identidade

Muito tem se falado sobre os processos de construção das identidades, sobre sua crise na modernidade, sobre a *explosão discursiva* (HALL, 2005) em torno deste conceito, das dificuldades, levadas ao paroxismo nos dias de hoje, de construirmos um *sentimento de pertencimento*, sobretudo por conta da velocidade das transformações e da efemeridade de nossos *projetos* de vida, do papel das novas ferramentas de comunicação neste processo, como a televisão, a internet, as redes sociais virtuais, entre outros.

Conforme argumenta Bauman (2005), parece que nenhum outro aspecto da vida contemporânea atraiu tanto a atenção de filósofos, cientistas sociais, psicólogos e, poderíamos incluir também, de educadores. Para além de uma quantidade considerável de estudos sobre o tema, a *identidade* parece ter se tornado um *prisma* através do qual outras tantas dimensões do contemporâneo são localizadas, agarradas e analisadas.

Na medida em que interroga sobre os processos de construção identitária de jovens *nikkei*³ (descendentes de japoneses), o presente artigo pretende tomar parte nesse intrincado contexto.

O corpo é, sem dúvida, um dos lócus privilegiados no qual a *batalha* incessante pela identidade é travada. Conforme destaca Woodward (2008, p. 15), o “corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade”. É a partir dele que tomamos posicionamento diante das várias facetas da nossa identificação: o nosso corpo trás consigo elementos que nos

³ Segundo Tongu (2010, p. 15), o termo é utilizado no Brasil para designar “japonês-brasileiro”, ou seja, o descendente de japoneses é atualmente denominado de *nikkei*, não importa a que geração pertença. Essa denominação está sendo utilizada desde a Convenção Pan-americana Nikkei, ocorrida em 1985, em São Paulo, que adotou a terminologia para todos os descendentes de japoneses nas Américas.

caracterizam e que nos colocam nesse ou naquele grupo, classificando, rotulando, servindo muitas vezes como vetor de discriminação.

Ao longo do século XX, as mudanças resultantes das novas formas de sociabilidade decorrentes da interação entre desenvolvimento econômico (capital) e tecnológico em geral, e com as biotecnologias e a medicina, em específico (ORTEGA, 2008), contribuíram para o surgimento de novas formas de relações sociais, promovendo o agrupamento de indivíduos não mais por interesses políticos, raciais, de estamento, de classe social, de crenças religiosas, como acontecia no passado, e sim por interesses relacionados às práticas de atividades físicas de *fitness*, ou atividades voltadas diretamente à terceira idade, doenças específicas ou pessoas com algum tipo de deficiência física. Trata-se de uma forma de sociabilidade que Ortega (2008, p. 30) chama de *biossociabilidade*, a qual possui caráter apolítico e é constituída por grupos de interesse privados vinculados a atividades sociais que têm o corpo como mote central, guiados por ideais de saúde, qualidade de vida e performance corporal.

Se começamos a nos relacionar de acordo com nossos interesses corporais, isso é um forte indicativo de que, individualmente, somos fortemente afetados pelas novas configurações do contemporâneo. A biossocialidade representa a expressão das novas identidades que vão se construindo devido às práticas da bioascese. De forma semelhante às práticas ascéticas clássicas, as ascetes corporais, *bioascetes*, continuam implicando em processos de subjetivação, de constituição de identidades, *bioidentidades*. As bioascetes “reproduzem no foco subjetivo as regras da biossociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, das bioidentidades” (ORTEGA, 2008, pp. 31-32). As bioidentidades ganham força e se consolidam em nossa sociedade, pois os valores morais acabam se deslocando da interioridade (alma, caráter, etc.) para o corpo, conseqüentemente, tornando os indivíduos mais conscientes de seus físicos, o que os leva a uma autovigilância, um autocontrole, autodisciplinamento, uma vez que são *donos* de seus corpos e responsáveis por ele. Cada sujeito passa a se controlar, a se periciar para que sua identidade, seu corpo, torne-se condizente com os imperativos do momento.

As práticas bioascéticas e as bioidentidades são reflexos das ascetes contemporâneas que têm estampado, no corpo, os significantes da moral, da boa conduta.

O *self* e o corpo entrelaçam-se de tal maneira que não há mais como separá-los, tornam-se um só. A *alma* perde sua importância na investitura subjetiva, afinal, ela não se reflete mais no corpo, uma vez que este não mais é moldado, trabalhado, exercitado, potencializado em seu nome. A subjetividade migra para o exterior, para a superfície, e sua construção está explícita em uma única mirada. Segundo Costa (2005), nossos valores e nossa moral estão, agora, estampados aos olhos de todos, encarnados nas feições físicas, por isso torna-se tão relevante a ideia de que cuidar do corpo é cuidar de si. Neste sentido, dirá o autor, *essência* (subjetividade) e *aparência* (feições corporais) não mais podem ser separadas, nós somos o que parecemos ser.

Se considerarmos esta hipótese, de que a bioascese contemporânea alça o corpo ao palco principal da investitura subjetiva, então se torna ainda mais relevante a pergunta pelo modo como se dá o processo de construção das identidades de descendentes japoneses, principalmente se considerarmos o fato de que esses indivíduos carregam características fenotípicas singularizantes, distintas dos padrões corporais ocidentais: baixa estatura, braços curtos, pernas arqueadas, estrutura corporal mais franzina, olhos puxados, pele mais amarelada, cabelos lisos e escuros, e ausência de *curvas sensuais* (no caso das mulheres). Além das características culturais que influenciam a vidas das novas gerações de nipo-brasileiros, eles carregam consigo, impressos em seus corpos, as características que os denunciam como *diferentes*, como *estrangeiros*. Essas características estão impressas em seus corpos, em suas aparências, em seus tipos físicos.

É neste contexto que se inscreve o presente trabalho, que é parte de uma dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (TAKAKI, 2012), e tem como objetivo identificar e analisar o lugar do corpo nos processos de construção identitária de jovens descendentes de japoneses residentes na cidade de Curitiba, participantes ou não de atividades ou instituições relacionadas à cultura oriental.

A escolha por investigar jovens, tanto do sexo feminino quanto masculino, partiu do pressuposto de que se trata de um momento da vida tomado pelo imperativo da felicidade individual, mediada pelos fetiches da sociedade de consumo e que impõe modelos identitários ou formas de ser, estar e existir no mundo. Além disso, trata-se de um público bastante afinado com as mais recentes tecnologias de comunicação, como a internet, as

redes sociais virtuais e suas comunidades, grupos, fóruns, *blogs*, micro-blogs, etc. Por outro lado, é preciso considerar, também, a forte presença de descendentes de japoneses no Estado do Paraná em geral, e na cidade de Curitiba, em específico.⁴ No caso desta última, a presença da cultura oriental se materializa, entre outros, na crescente apreciação da culinária – são dezenas de restaurantes especializados espalhados pela cidade –, na arquitetura, com destaque especial para a Praça do Japão, assim como os clubes e associações culturais japonesas, bem como os eventos populares, os *matsuris*, festivais que celebram datas comemorativas orientais. Nesse contexto, é preciso considerar também a presença e influência da cultura *pop* japonesa contemporânea, como os *mangás* e os *animes*, com forte penetração entre os jovens de diferentes classes sociais.

Na sequência, o texto está organizado da seguinte forma: logo após contextualizar as estratégias metodológicas para realização das entrevistas e de apresentar brevemente os jovens investigados, apresentaremos e discutiremos os resultados sob a forma de categoria articuladora, a qual revela, entre outros aspectos, as ambiguidades do lugar do corpo nos processos de construções identitária destes jovens descendentes de japoneses. Essas questões são retomadas, à guisa de considerações finais, na última seção do artigo.

Delineamentos metodológicos

A necessidade de estabelecer contato com o público alvo da pesquisa exigiu, enquanto estratégia metodológica, que voltássemos nossa atenção para os centros de cultura japonesa existentes na cidade de Curitiba, bem como para os grupos que funcionam dentro dos clubes dedicados às tradições orientais e instituições filiadas. Por meio de contatos realizados através de redes sociais na internet, dois grupos e uma instituição

⁴ Desde a chegada em solo tupiniquim, os descendentes de japoneses foram se espalhando por todo o território nacional, não se atendo a apenas uma ou outra região. De acordo com dados do IBGE (SAKURI; COELHO, 2008), em 2000 foram registrados 1.495.605 residentes de origem japonesa vivendo de forma permanente no Brasil. O Estado de São Paulo é a região com maior concentração de japoneses (693.455), correspondendo a 48% da população total de descendentes. Já o Estado do Paraná fica em segundo lugar, com cerca de 140.568 descendentes (10,0% do total). No entanto, não está na capital paranaense a maior quantidade de descendentes, e sim na cidade de Londrina, seguidas por Curitiba e Maringá. A capital do Estado do Paraná é a terceira no ranking de cidades no país com maior concentração de japoneses (PEREIRA; OLIVEIRA, 2008).

aceitaram fazer parte da pesquisa: o grupo Wakaba – Taiko (tambores) e o Wakaba Yosakoi Soran⁵, grupo de dança folclórica; e a Casa do Estudante Nippo-Brasileiro de Curitiba (CENIBRAC)⁶. Ambos os grupos e a instituição fazem parte das atividades do Nikkei Clube – Associação Cultural e Beneficente Nippo-Brasileira de Curitiba⁷. Também contatamos outros descendentes que não possuíam relação com nenhuma das instituições acima mencionadas, mas que se dispuseram a participar voluntariamente da pesquisa após contato realizado por meio de redes sociais na internet.

Após esse primeiro momento de aproximação, selecionamos um conjunto de sujeitos para a realização de entrevistas semiestruturadas, orientadas por um roteiro especialmente desenvolvido para este fim. Priorizaram-se aqueles sujeitos que apresentavam indicativos de relevância da cultura japonesa em suas vidas, como referência tanto para o círculo de amigos quanto para a prática de atividades relacionadas à cultura oriental, ou que declararam explicitamente que ela pouca ou nenhuma influência exercia em suas formas de vida e que, preferencialmente, estivessem cursando Ensino Médio ou superior. Nesta direção, foram realizadas nove entrevistas com jovens de ambos os sexos (três homens e seis mulheres), com idades, na ocasião, entre 17 e 27 anos, de camadas médias urbanas (VELHO, 1986), residentes na cidade de Curitiba, participantes ou não de

⁵ Os grupos Wakaba – Taiko e Wakaba – Yosakoi Soran não faziam parte das atividades regulares do Nikkei Clube. Inicialmente, os grupos ensaiavam nas dependências da Seita religiosa Konko-kyo, cujo fundador foi também o responsável por introduzir, na cidade de Curitiba, a prática da dança (yosakoi soran) e dos tambores (taiko) em 2000. O termo *wakaba*, que dá nome aos grupos, era utilizado por ele para se referir às crianças e jovens integrantes. No ano de 2005, essas atividades migraram para o Nikkei Clube em uma troca de interesses mútuos: de um lado, os grupos necessitavam de melhor infraestrutura para os treinos e, de outro, o Clube se ressentia da ausência de jovens e de atividades voltadas para essa faixa etária. Ambos os grupos realizam encontros semanais e se apresentam nos *matsuris* realizados na cidade, bem como em eventos internos e externos ao clube para os quais são convidados.

⁶ A CENIBRAC é uma instituição estudantil que possui a característica de ser administrada pelos próprios estudantes. A casa, fundada em 1980, não faz restrições com relação à origem étnica de seus moradores, necessitando apenas estarem matriculados no terceiro ano do Ensino Médio ou cursando Ensino Superior, serem solteiros e sem filhos e não terem pais residentes na cidade. É possível que permaneçam na casa por até um ano após a conclusão da graduação. Os moradores são de ambos os sexos, e os quartos são separados com banheiros individuais a cada dois moradores. Os moradores pagam uma mensalidade em torno de R\$150,00. Apesar de ser administrada pelos próprios moradores, o Nikkei Clube possui uma participação dentro da instituição, pois a casa é parte integrante das atividades do clube. Além disso, o prédio no qual a instituição funciona é propriedade do Clube.

⁷ O Nikkei Clube – Sociedade Cultural e Beneficente Nippo-Brasileira de Curitiba foi fundado oficialmente em abril de 1994, em uma grande fusão entre o Nikkei Clube de Curitiba e a Sociedade Cultural e Beneficente Nippo-Brasileira de Curitiba, duas entidades que também haviam sido formadas por meio de um processo de fusão e separação durante a década de 1940. A criação do Nikkei Clube simbolizou a união dos imigrantes japoneses, ao menos na cidade de Curitiba, concentrando em uma única entidade as diversas atividades que retomam e mantêm as origens orientais, integrando descendentes de todas as gerações (SETO; UYEDA, 2002).

atividades ou instituições relacionadas à cultura oriental. Eles e elas são⁸: **Key**, vinte anos, estudante universitário, descendente da terceira geração de imigrantes japoneses, é praticante e líder do grupo de *taiko* (tambores); **Lucas**, vinte seis anos, descendente da quarta geração, graduado e mestre em Biologia, professor de inglês, não é membro de instituição e nem faz parte de grupo de atividades culturais japonesas; **Tomás**, vinte e três anos, filho de pai japonês (segunda geração), estudante de Engenharia de Produção, é morador e ex-presidente da CENIBRAC; **Mayumi**, vinte e um anos, estudante de Direito, descendente da terceira geração de imigrantes japoneses, é praticante da dança japonesa *yosakoi soran*; **Sayuri**, a mais jovem dos entrevistados, dezessete anos, nascida no Japão, é filha de pais nipo-brasileiros, estudante do último ano do Ensino Médio, pratica *taiko*; **Thais**, vinte e três anos, formada em Administração e Direito, atua como estagiária na última área, descendente da quarta geração de imigrantes japoneses, não é membro de instituição e nem faz parte de grupo de atividades culturais japonesas; **Ana**, irmã mais nova de Thais, vinte e um anos, quarta geração, também não participa de instituições e grupos de atividades culturais japonesas; **Cecília**, vinte e sete anos, a mais velha dos entrevistados, é formada em Direito e atua na área, descendente da terceira geração, não participa de instituições e grupos de atividades culturais japonesas; **Kamila**, dezenove anos, prima de Cecília, terceira geração, também não participa de instituições e grupos de atividades culturais japonesas.

As entrevistas foram realizadas individualmente ou em duplas, quando solicitado pelos entrevistados que possuíam algum grau de parentesco, como no caso das irmãs Thais e Ana e das primas Cecília e Kamila, entres os meses de setembro e dezembro de 2011, em horários e locais diferentes da cidade, geralmente escolhidos ou acordados pelos/com os depoentes.

Na sequência, apresentaremos e discutiremos os resultados por meio de uma categoria articuladora que permite constituir uma narrativa sobre os depoimentos dos sujeitos investigados.

Um corpo em falta: a identidade não à flor da pele, mas nos olhos

⁸ Os nomes dos entrevistados são fictícios, alterados para preservar suas identidades.

Os atributos corporais dos imigrantes japoneses que despertavam a desconfiança das autoridades e da imprensa brasileira, mesmo antes de desembarcarem no porto de Santos, em São Paulo, no início do século passado⁹, parecem desempenhar um papel diferente no contemporâneo, ao interpretarmos o que nos dizem os sujeitos pesquisados. Esta mudança, certamente, deve-se menos ao fato de que hoje haveria maior valorização social das características físicas orientais – que não constituem referência ou padrão de beleza, tanto para homens quanto para mulheres, algo, aliás, também revelado nas entrevistas, como veremos – do que a um expediente antigo e fortemente enraizado em nosso imaginário social quando se trata dos imigrantes japoneses, qual seja, o de associar fenotipia à distinção étnica. Conforme destaca Tsuda (2000), no Brasil, esse procedimento não é exclusivo da relação com os *nikkei*, pois outras etnias também são identificadas entre nós a partir dos aspectos fisionômicos, como cor da pele e aparência. No caso dos descendentes de imigrantes japoneses, sua *japonicidade* baseia-se em características corporais inatas que não podem ser negadas nem alteradas – pelo menos não sem intervenção cirúrgica que, na maioria das situações, apenas atenuam, não modificam radicalmente as características corporais étnicas – e que os diferenciam e demarcam como não brasileiros, mas como *japoneses*. Os aspectos culturais desempenham papel bastante secundário nesse processo. De acordo com o mesmo autor, a peculiaridade distintiva dos japoneses se encontraria, sobretudo, no rosto, nos olhos puxados, e menos na cor da pele, como é o caso, por exemplo, dos afrodescendentes. Evidentemente, os sentidos e significados atribuídos às características corporais dos japoneses não são imutáveis e vão sendo construídos histórica, social e culturalmente. Entretanto, essas características determinam, em grande medida, a forma como as pessoas se relacionam e as expectativas que nutrem em relação aos nipo-brasileiros (TSUDA, 2000). Essas simbolizações, como veremos, parecem também balizar os sentidos e significados que os próprios *nikkei* atribuem às suas características corporais, criando e alterando modos de ser, agir e sentir.

Podemos considerar que uma das mudanças que interferiram na atribuição dessas significações aos corpos dos japoneses está associada à gradativa diminuição do peso de determinados atributos corporais, como força, velocidade, agilidade, etc., na organização

⁹ Sobre a imagem estigmatizada e estereotipada do imigrante oriental no início do século XX, consultar, entre outros, os trabalhos de Seto e Uyeda (2002), Takeuchi (2010) e Carneiro (2010).

e divisão do trabalho. De acordo com Bauman (2005), o fato de possuir um corpo forte e produtivo já foi sinônimo de virtuosidade, pois eram necessários indivíduos saudáveis, fortes, aptos para desempenhar trabalhos pesados, seja no campo ou, sobretudo, nas cidades. O *inimigo* desse corpo potente era o corpo fraco, franzino, doente, como aparentava ser o dos japoneses, em comparação com outros imigrantes, especialmente europeus, que chegavam ao Brasil na alvorada do século passado para trabalhar nas lavouras. Nesse mesmo quadro, é preciso considerar o *status* e a reputação de país industrializado, desenvolvido, organizado e, sobretudo, produtor de tecnologias que o Japão passou a gozar no pós-guerra. A partir dos anos de 1960, essa imagem negativa dos imigrantes japoneses, que havia perdurado por décadas, começa pouco a pouco a dar lugar a outra, certamente mais positiva – e, portanto, facilitadora do processo de integração – mas ainda estereotipada: a do japonês como *inteligente, bom aluno, disciplinado, respeitador da ordem e das hierarquias*. Fator que contribuiu nessa mudança foi o fato de o Japão ter vivido um período de reestruturação e de intenso crescimento econômico logo após o fim da Segunda Guerra, o que fez com que alcançasse, material e simbolicamente, o posto de país *avançado, desenvolvido*, algo que o Brasil almejava (e ainda almeja). A posição de destaque alcançada pelo Japão na economia internacional contribuiu, de alguma forma, para que seus antigos cidadãos passassem a não ser mais considerados frágeis, estranhos, mas identificados com o progresso e com aquilo que era moderno. Prova disso, por exemplo, são as peças publicitárias televisivas, muito presentes ainda no imaginário de quem viveu (e assistiu televisão!) na década de 1990, na qual víamos japoneses representando papéis em comerciais de eletroeletrônicos que eram sinônimos de garantia e alta tecnologia (RIAL, 1998).

Esse possivelmente é um dado relevante na identificação das causas da mudança de percepção em relação à imagem negativa associada ao imigrante japonês, sobretudo se considerarmos, apoiados em Tsuda (2000), que não é incomum a vinculação entre os japoneses brasileiros com os do Japão em nosso imaginário coletivo. Até porque, conforme destaca Oliveira (1999) *apud* Ishimori (2005, p. 6-7), diferentemente de índios, negros e brancos, que conformam o *mito das três raças irmãs fundadoras* da Nação brasileira, os descendentes de japoneses teriam maior dificuldade em serem considerados *naturalmente* brasileiros. Apesar de nascerem no Brasil, como é o caso de praticamente todos os nossos

entrevistados, com exceção de Sayuri que, apesar de ter nascido no Japão, se considera brasileira, e de estarem, em graus variados, bastante integrados à cultura local,

[...] são denominados cotidianamente de japoneses, não importando o quão já estejam distantes culturalmente do Japão ou o seu grau geracional, desde que carreguem traços físicos atribuídos aos japoneses. [...] A característica de ter ‘olhos puxados’ é o fator mais enfatizado. (OLIVEIRA, 1999 *apud* ISHIMORI, 2005, p. 7, grifos do autor).

Alguns trechos das entrevistas¹⁰ revelam essa dificuldade de serem *vistos* como brasileiros:

[...] como a gente é minoria, eles chamam qualquer um de nós de “japa”, e isso me incomoda um pouco, porque eu me sinto meio, sabe, discriminada, pra falar a verdade, porque eu sou brasileira, né, mas, é, nasci no Japão, mas eu vim pra cá, porque meus pais são daqui (Sayuri, 17 anos).

Ah, eu não gosto muito quando falam “ô japa, ô japa” ou “abre o olho japonês”, isso eu já, tipo, eu não gosto (Key, 20 anos).

[...] dai eu: “caramba, eu sou brasileira, não sou japonesa”, eu tenho descendência [*sic*], né. Dai eu ficava meio brava com isso, eu queria ser mais tratada igual, e ser normal. “Ah, aquela japonesinha ali” [como se apontassem o dedo ou indicassem com um movimento de cabeça], não, não é “aquela japonesinha ali”, é “aquela moça de verde”. Agora não, eles identificavam, “aquela japonesinha ali”. E eu já, pelo contrário, queria ser mais tratada mais, mais igual (Cecília, 26 anos).

A situação parece ser ainda mais complexa no caso de Sayuri que, conforme já mencionado, nasceu no Japão quando seus pais residiam no país na qualidade de *dekasseguis*:

Que na verdade eu sou brasileira, mas aqui no Brasil eles não entendem um pouco, é isso, né, [...] pra eles, se eu nasci lá [no Japão], eu sou japonesa, então, eu fico meio perdida, sabe, os japoneses não me aceitam como japonesa e aqui não me aceitam como brasileira e, né... perdida em relação a isso (Sayuri, 17 anos).

É possível notar, nos trechos acima, que os significados atribuídos aos seus corpos (ou ao corpo, no singular?) representa e recoloca o imaginário social de como o japonês é ou deve ser, o que acaba interferindo fortemente na construção identitária desses

¹⁰ Os trechos extraídos das entrevistas serão, a partir deste momento, apresentados sempre desta maneira, entre molduras, para facilitar a sua identificação e não confundir com as citações bibliográficas.

nikkei. Mesmo para os entrevistados que não faziam parte de nenhuma atividade relacionada à cultura oriental e que diziam que ela não era a principal referência em suas vidas, o fato de serem descendentes, algo demarcado pela aparência, pelos *olhos puxados*, como mencionado, acabava por lhes atribuir determinados significados e expectativas, difíceis de serem renegados ou abandonadas, mesmo quando não os desejavam.

É, eu acho que é porque, pelo fato de eu ser japonesa, já chama atenção, né. Ai se eu fizer alguma coisa, tipo, vou me expor, sabe? Se eu me soltar mais, eu vou chamar mais atenção ainda [risos], daí eu vou ficar meio constrangida, assim, com vergonha (SAYURI, 17 anos).

Por outro lado, em determinadas circunstâncias, como no trabalho, no estágio, na universidade (ou na tentativa de ingresso nela), o fato de *parecer* (antes, inclusive, de ser ou sentir-se japonês) aufere aos depoentes algumas vantagens, na medida em que denota valores morais positivos associados à etnia, no sentido de uma “eficácia da aparência” (MAFFESOLI, 1996. p. 168). Vejamos algumas situações narradas por eles e elas quando perguntados se havia e quais seriam as possíveis vantagens em ser japonês:

Nem um nem outro, eu acho. Talvez ajude [o fato de “ser” japonês]. Eu conversando com minha amiga, tem umas empresas [que] preferem *nihonjin* [japoneses], tipo, japa pra trabalhar, isso já ajuda, né (KEY, 20 anos).

[Se há facilidades em ser japonês no dia a dia] Depende. No vestibular eu acho que ajuda [risos], porque sempre dizem que, tem aquele mito, né: “ai, todo japonês é inteligente”. Então, já indo com a camiseta do meu colégio [cursinho pré-vestibular], né, [pois] meu colégio tem, até que tem um nome forte, né. Uma representação forte e... e a aparência, mais os óculos... consigo assustar um monte de gente, né. Não quer dizer que eu seja inteligente, mas eu [risos], já dá pra assustar (SAYURI, 17 anos).

[...] eu acho que já [ajuda], já vai facilitar porque eles já têm uma certa visão do japonês, né (SAYURI, 17 anos).

Por exemplo, assim, o Desembargador, quando eu fui entrar lá no, no... gabinete pra fazer entrevista [de estágio], ele falou: “Ah, eu sempre gostei de trabalhar com japonês, porque eu sei que eles são super, são responsáveis”, né, que é difícil ter um japonês assim que, que não se compromete com o que vai fazer assim, sabe? Assim, se, se vai lá, se vai fazer, então faz, vai fazer direito [bem feito]. [...] É essa a impressão que ele tem assim, né. Eu acho assim, que pelo menos as pessoas têm uma impressão boa de japonês, assim, né... [risos] (THAIS, 23 anos).

A identidade criada em relação ao japonês estudioso, obediente e trabalhador é, primeiramente, dada a partir dos olhares sobre a aparência, conferindo ao corpo oriental o significado de inteligente, disciplinado. Mesmo diante das particularidades de cada indivíduo, por partilharem de características semelhantes quanto a suas aparências, acabam sendo generalizados, colocados todos sob mesma ótica.

A outra face dessa *homogeneização identitária*, vivida de forma inquietante pelos entrevistados, refere-se ao *fardo* de ter que corresponder às expectativas de colegas, familiares, professores, patrões, etc.

Porque, não sei né, porque eles imaginam que ah, é sempre aquela coisa, né, imagina que ah, o japonês é o cara que estuda, que estuda, que estuda, que é o mais inteligente da sala e essas coisas (TOMÁS, 23 anos).

Mas sabe uma coisa que eu acho muito chata, [...] [se] você é japonesa você dá conta, você é inteligente. Parece que é dever nosso ser inteligente. Se você não for, você é exceção de japonês. No cursinho isso era a pior coisa: “ai, você quer o que?”, que antes eu tava tentando Medicina, “ah, você é japonesa, você passa” (KAMILA, 19 anos).

Nesse mesmo quadro, é interessante notar como as palavras “perfil” e “comportamento” aparecem quando Tomás, que é morador e ex-presidente da Casa do Estudante Nippo-brasileira de Curitiba (CENIBRAC), anteriormente referida, fala a respeito dos demais moradores e do processo de seleção para ingressar na casa. A palavra perfil acaba sendo usada para se referir não ao comportamento dos indivíduos em geral, mas de um comportamento que supostamente corresponderia aos jovens *nikkei*. Trata-se de algo esperado, e que os candidatos, sob pena de não conseguirem uma vaga na instituição, não podem deixar de atender.

Ao mesmo tempo em que a *aparência* revela um suposto perfil de comportamento ou um conjunto de valores percebidos como tipicamente característicos da cultura oriental, como é o caso da disciplina, do respeito, da honestidade, ou mesmo de capacidades intelectuais, concorrem com esses elementos doadores de identidades outros ideais que passam a ser tomados como padrão da vida reta e justa. As qualidades morais dirigem-se agora, segundo Costa (2005, p. 190), “para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma”. As escolhas relacionadas aos modos de viver, implicadas na busca pela

felicidade, passam a vincular-se à aparência, contribuindo para a constituição de novas formas de compreensão a respeito da normalidade e do desvio.

Neste sentido, o *outro*, desviante, é, na atualidade, aquele que não corresponde aos princípios do *fitness*: obesos, sedentários, tabagistas, não siliconados, não lipoaspirados, não assumidos, etc., como lembra Costa (2005). Mas também desviante parece ser o corpo *nikkei*, cujos padrões não coincidem com os ideais de beleza vigentes na sociedade brasileira. Isso pode ser observado em diversos momentos das entrevistas:

[...] o pessoal fica [...] olhando você como se fosse... uma celebridade. Celebridade não, você é um *alien*. Não é, não é. É realmente abominável (Sayuri, 21 anos).

É, se for pra contar, mais ou menos dos 13 anos até os 15, assim... eu ainda tinha dificuldade sabe, de me relacionar, relacionar com, com brasileiros. E também porque eu era muito mais feia, né, mas, com é, dois anos atrás pra cá mais ou menos. [...] Tipo, eu não penso assim [...]: “ah, como será que eles vão me julgar? Será que eles vão me achar estranha? Será que né, vão ficar olhando o meu olho puxado, sei lá, minha cor”..., sei lá, mas antes eu tinha receio, né (Sayuri, 17 anos).

Sabe o quê que eu estava pensando? Quando alguém que não me conhece vai falar assim: “ah aquela japinha ali!”, não vai falar: “ah, aquela magrinha” (Kamila, 19 anos).

Eles não vão falar magrinha, eles vão falar japinha mesmo. Vão falar a primeira coisa que eles vêem. (Cecília, 26 anos)

Na época que eu fazia os eventos, daí eu fui fazer uma seleção, mas eles não estavam querendo japonesa. Porque lá precisava acho que só de loira, gostosona, sei lá que apresentação que ia fazer. Tipo, se fosse uma cerveja, só iam pegar loirona, peituda e bunduda, só que daí, pelo contrário, quando eu fui fazer a Toyota... da Honda, daí era só japonesa, daí me selecionaram lá. Mas talvez isso que eles queriam: uma mulher que seja gostosona [...] (Cecília, 26 anos).

Por outro lado, em tempos de homogeneização corporal, tal como nos falam Ortega (2008) e Costa (2005), inclusive como medida para aplacar a diferença, no caso dos *condenados da aparência*, o fato de não *coincidir* com o padrão de beleza pode ser um poderoso recurso de diferenciação. Mas, novamente, o corpo é o vetor. Vejamos o que nos diz uma das entrevistadas:

Kamila (21 anos): Eu acho que eu sinto falta às vezes, assim, sabe assim [de ser a única japonesa da escola]. Quando eu entrei no cursinho [na cidade de Curitiba], eu vi um monte de japonesa na minha sala, e eu pensava assim: “ah, eu não sou mais a única

japonesa”. Acho que, quando eu era bem pequenininha, assim, eu lembro que em Joaçaba [cidade da região Oeste de Santa Catarina], nossa, eu odiava, eu falava que eu não era japonesa, porque todo mundo, tipo assim, passava na rua, o pessoal atravessava a rua pra ficar do meu lado e falava: “nossa mãe, ela é japonesa”, sabe, criancinha apontado pra mim: “olha, ela é japonesa, ela é japonesa”. Eu achava um.... sabe, uma coisa, eu me sentia mal. Hoje em dia [...] eu sinto orgulho de ser japonesa. Mas quando eu era pequenininha, eu falava que eu não era japonesa.

Natália (entrevistadora): Mas esse orgulho, por quê?

Kamila: [...] mais por causa da beleza, eu acho. Ser diferente, sabe, chamar a atenção. Porque em Joaçaba eu acho que a gente continua sendo a única família japonesa mesmo, então, quando a gente vai pra lá, como todo mundo conhece a gente, ainda mais cidade pequena, a gente acaba marcando mais por ser japonês, eu acho.

O corpo *nikkei* é, também, a afirmação da identidade do estranho, estrangeiro, aquele que pertence a um lugar que é sempre outro, uma vez que a aparência, conforme lembra Maseffoli (1998), é determinante como vetor de agregação. Noutros termos, por mais diferentes e desconhecidos que os orientais possam ser entre si, são classificados como *um* (outro) homogêneo, demarcado pela aparência.

Também é no limar da aparência que os entrevistados buscam alternativas de agregação. Os relatos revelam diferentes caminhos empregados que permitem demarcar um lugar de pertencimento, entre os quais ganham destaque: 1) a compensação da vida social no clube; 2) e a adaptação ou a *reconstrução* contínua de si, de um *corpo em falta*.

No que diz respeito à vida social, a convivência no clube, bem como a participação nos grupos de práticas corporais (*taiko* e *yosakoi soran*) ganham evidência:

Teve uma vez que tava conversando com meus amigos: “ah, acho que vou tentar entrar no *taiko*”, e eles: “ah, eu também quero”. Só que dai eles nunca foram, dai nem rolou. Ai teve um dia que minha amiga resolveu encontrar uma amiga dela aqui no Nikkei, e eu tinha uma amiga que já fazia *taiko*, dai ela me viu e já me puxou: “só faz uma aula experimental”, me puxou já, eu já comecei a fazer, eu e minha prima né, só que minha prima era a mais empolgada pra fazer, ela fez uns 3 meses e parou. E eu continuei. Eu que era meio, só de acompanhando, acabei ficando” (Key, 20 anos).

Então, é que, na verdade, é assim: o *taiko* tem vários grupos, sabe, tipo, tem o grupo dos mais velhos, então, eles estão sempre saindo, nossa, todo final de semana eles saem juntos, né [...]. Então, a gente combina cinema [risos], sabe, pra ir na casa um do outro, ver vídeo no computador, essas coisas, né (Sayuri, 17 anos).

A gente começou a frequentar aqui [Clube Nikkei] por causa da dança. Daí, uma vez, acho a gente tava apresentando [...] num dos *matsuris* que tava tendo, e a gente viu o pessoal dos *Kajiwaras*, né, que iniciaram o *taiko*. [...] Daí, nossa! E aí dessa vez a gente ficou encantado, sabe, tipo: “nossa, você viu que legal, aquilo que eles sabem fazer”. [...] É que antes, no começo, era menor [a quantidade de pessoas no grupo], e também eu não ligava muito, sabe, eu fazia *taiko* porque eu gostava, agora é porque eu gosto e porque eu quero divulgar (Sayuri, 17 anos).

Eu só vim participar ano retrasado, aqui, então... e já nem conhecia o Nikkei. [...] Na verdade os meus pais me empurraram pra cá porque eu nunca tive um círculo muito grande de amigos, né (Mayume, 21 anos).

Então, pra compensar esse lado, colégio, eu só estudava e daí eu tinha tipo toda a vida social do clube, assim (Lucas, 26 anos).

Eu acho que eu queria ter participado das coisas do clube, do Nikkei, assim, por exemplo. E ter, de [es]tar no grupo sabe, de dança, de música, de tambor, de qualquer coisa. Porque eu sempre, porque daí eu sempre era um japa perdido [...] no clube alemão, que eu era sócio da Duque de Caxias, que é clube alemão. Assim, então, eu era, muito chato (Lucas, 26 anos).

Pode ser também, mas é que, por exemplo, assim... eu tenho amiga que ela frequenta, por exemplo, [...] o Clube, né, Nikkei. [...] Eu acho que como tem mais contato com japonês, assim, daí acaba conhecendo alguém legal e gosta, né (Thais, 23 anos).

A lógica da *socialidade*, da qual nos fala Maffesoli (1998), está assentada sobre a não obrigatoriedade, a não imposição, bem como da partilha de ideias, interesses, hábitos, objetivos. Seus membros se relacionam compartilhando os mesmos rituais e “signos de reconhecimento específicos, que não têm outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo” (MAFFESOLLI, 1998, p. 131). No caso dos nossos entrevistados, parece tratar-se, sob vários aspectos, de um *tribalismo* que, segundo Maffesoli, traria a responsabilidade da autonomia, não mais em sentido individual, e os grupos passam a ser compreensíveis apenas em seu interior, como um conjunto, não separadamente. O tribalismo deve ser considerado, segundo o autor, pensando nas massas, nas redes que elas estabelecem, lutando contra a individualização e segregação. No entanto, é importante lembrar que os nichos, apesar de protetores e acolhedores, podem, ao mesmo tempo, ser excludentes, geradores de racismo e ostracismo.

Ah, é que depende, né, geralmente você reconhece um *nikkei* do jeito que ele é só olhando [...], pela roupa e pelo modo de ser. Você olha a distância, sabe como ele tá se comportando. Aí já dá pra ter uma ideia, né. Ah, “e essa japa, ah ela é assim, assim, assado”, dá pra ter uma ideia, então. É, isso também já faz com que eles tenham uma ideia de é, “ah aquela ‘*nikkei*’, ela é bonita pra ficar e ela, e ela é bem saidinha, né, ela adora balada, então, eu vou ficar com ela.” Aí na hora, assim, por exemplo pra mim, não, ela não gosta de balada, ela não gosta de sair, não gosta de beber, né [risos], tá tudo no comportamento social, né (Sayuri, 17 anos).

Estamos constantemente na mira desses olhares que acusam, apontam, separam. As amizades com outros descendentes – embora não exclusivamente, pois, apesar de serem muito frequentes nos relatos, nenhum dos depoentes afirmou possuir apenas amigos *nikkei* –, podem, nesse sentido, representar uma tentativa de proteção contra esses olhares. Desta maneira, o corpo permanece um ponto de referência central, passível de aproximar ou afastar uns dos outros. O fato de supostamente partilharem dos mesmos costumes, da mesma educação, como afirmam, estaria diretamente imbricado pelos sinais disparados pelo corpo, sendo preponderante na escolha das amizades ou de aproximação de pessoas *aparentemente* (não tão!) desconhecidas.

Eu quis já [trocar de escola, ir estudar em outra unidade, no centro da cidade, onde haveria mais colegas *nikkei*], só por, só por causa disso, sabe, porque, assim, eu não sei porque, mas a minha relação com o *nikkei* era muito mais... fácil, assim, sabe eu me sinto muito mais à vontade do que com, com brasileiro. [...] Não sei se é porque a cultura que é um pouco diferente, a educação, o pensamento também é um pouco diferente, né (Sayuri, 17 anos).

Natalia (entrevistadora): [...] a maioria dos seus amigos são... são *nikkei*?

Sayuri (17 anos): São *nikkei*, é, só, assim, só no colégio, né, que eu tenho amigos brasileiros, mesmo, né. Aqui no *taiko* são poucos, né. Ainda que a maioria lá [no colégio] é brasileira, né. [...] Mas, assim, é, lá no colégio são poucos brasileiros que eu tenho como amigos, né. Tipo, [...] do meu grupinho de quatro, né, que [...] a gente tá, tem sempre quatro assim, andando, né, tem mais três amigas, uma só é brasileira.

Natalia (entrevistadora): Mas como vocês se acharam, lá, vocês três, japonesas?

Sayuri (17 anos): Geralmente é assim: a gente, a gente olha, né, vê quem é *Nikkei*, aí se aproxima, sabe, fala “ah, oi, tudo bem?”, e já começa a dialogar, assim, é mais fácil. Agora, pra dar essa iniciativa com brasileiro, não sei por que, eu travo um pouco, sabe. Não sei se é porque eu sou mais tímida, não sei.

O que é recorrente em suas falas é como o clube, o grupo, a casa, a família, funcionam como um *nicho protetor*, uma comunidade que é capaz de proporcionar a esses

sujeitos certa segurança, de que não serão julgados pela sua aparência – pois é ela, em um primeiro momento, o elemento aglutinador –, de que não precisam se policiar quanto ao que vão falar e como vão agir.

Acho que a cultura, é o mais atraente, é a cultura mais atraente, assim o jeito de ser, o *nihonjin*, o jeito dele ser, bem educado, acho bem interessante, acho bonito, digamos assim. Não é extrapolado demais, mais reservado, *nihonjin*, tipo quem segue essa linha mais *nihonjin* é mais reservado, eu também sou mais reservado, quando eu não estou com meus amigos eu sou mais reservado (Key, 20 anos).

Sayuri (17 anos): É de cada pessoa, né, você não tem como ser uma mesma pessoa em todos os lugares, né, então, por exemplo, aqui no [Clube] Nikkei eu sou muito mais solta, sabe. Lá no, no salão [do Clube], eu sempre fico correndo, brincando com os meus amigos, sabe, fazendo piadinha, não sei o quê, eu respondo mais, né, então. [...] Aqui, é aqui também, né, não tenho vergonha de andar e tal, né. Agora, se é lá no colégio, eu já cuido com a minha postura, é, sabe, cuido na hora de falar com as pessoas, eu sou mais séria, sabe. [...] Daí, por isso que eu também não gosto muito assim do colégio, né, da minha relação no colégio, porque parece que eu me sinto mais presa, sabe. [...].

Natalia (entrevistadora): Por que você acha que está sendo observada, você acha que as pessoas vão comentar?

Sayuri (17 anos): É, eu acho que é porque, pelo fato de eu ser japonesa, já chama atenção, né. Aí se eu fizer alguma coisa, tipo, vou me expor, sabe. Se eu me soltar mais, eu vou chamar mais atenção ainda [risos], daí eu vou ficar meio constrangida, assim, com vergonha. [...] Agora, aqui [no Clube Nikkei] já não, aqui eles só olham assim, “ah tá, aquela menina que tá, tá sei lá, dando risada”, então tá bom.

A comunidade em torno de interesses, de uma cultura em comum – mas que parece ser reconhecida pela exterioridade corporal –, geraria essa sensação de segurança, de igualdade de pensamentos e ideais, afinal, “nunca somos estranhos entre nós” (BAUMAN, 2003, p. 08).

A adaptação ou da *reconstrução* contínua de si, de um *corpo em falta*, vincula-se, de alguma forma, ao processo no qual direitos sociais são substituídos, como explica Bauman (2005, p. 35), “um a um pelo dever individual do cuidado consigo mesmo e de garantir a si mesmo vantagem sobre os demais”. O corpo ganha foco central na construção dos indivíduos no contemporâneo, sendo, senão o principal, um elemento no qual se deve investir. Nesse quadro, é possível notar, no discurso dos entrevistados, um tom de *culpa* por não estarem cuidando adequadamente de seus corpos, seja por meio de exercícios físicos, seja por meio de uma alimentação mais balanceada e saudável, seja por não saberem ou

não se interessarem, no caso das mulheres, por produtos de beleza. Ao que tudo indica, esse desinvestimento ou desinteresse indica uma *infração grave*, que deveria – por isso a culpa – ser corrigida. Entretanto, quando, pelo contrário, suas falas evidenciam um conjunto de cuidados específicos com a aparência, com a saúde, o tom muda e revela um caráter *naturalizante* ou *naturalizador* dessas estratégias para conservar ou aumentar a beleza e a saúde do corpo, como se não pudesse ser possível outra opção:

Eu... hoje eu tento cuidar muito do meu rosto, apesar de eu não pensar, não pensar em fazer plástica. Eu tento, passo protetor desde os 15 anos eu passo protetor todos os dias. Por causa dessa lâmpada branca, é... comecei a passar cremes pra firmar os pés-de-galinha aqui do olho esse ano [risos] e comprei um pra fechar os poros também, agora [...]. Eu já devia ter comprado muito antes já, porque é uma coisa que ficam os cravos absurdos, assim, e eu não tinha noção (Lucas, 26 anos).

Nossa, vai soar estranho, mas... eu como mal. [...] Eu como muito assim, massa, carne... é, às vezes, McDonald's. [...] Mas aí é que tá, só que, aí tem um problema, porque além disso, eu bebo e fumo, né (Tomás, 23 anos).

É, então, [...] é porque... ah, então eu tive o namorado, né, e ele vivia falando pra mim assim: “aí, é, você tem que se arrumar mais pra sair, né você tá muito ‘jeca’”, né, sei lá, sabe, essas coisas. Aí isso mexeu um pouco comigo, né, daí eu pensei: bom, eu já tenho dezessete, né, porque antes eu tinha receio, né, de me cuidar demais e parecer assim que eu queria ser precoce. Antes eu tinha esse medo, né, mas agora eu pensei: “bom, agora eu já sou adolescente”, né, e, realmente, pra sair, assim, acho que é melhor eu me cuidar mais um pouco, né (Sayuri, 17 anos).

Além das exigências colocadas com relação aos cuidados destinados ao corpo, observa-se uma preocupação com aquilo que *sobra* ou *falta*:

Ah... [pausa] [risos] [pausa]. Como é que eu posso dizer? Ai... eu acho que eu tenho curvas demais pra um japa [risos], mas é por causa da misci..., é, dessa miscigenação, né. Assim, eu acho que eu tenho bunda demais [risos] e peito de menos [risos]. [...] Ah, não, eu tenho que perder esse troço, eu uso roupa larga pra não aparecer e tal. Uhm, ta, falta peito, falta peito, falta peito, falta peito [risos] (Mayumi, 21 anos).

Bom, eu diria que a minha estatura é pra, pra Nikkei, assim, até que é boa, né. [...] Uhm, meu peso também, acho que tá bom, né. Tá bom no peso, tá na altura então é, tá tudo bem até aí. Cabelos, ah, cabelo, eu tenho cabelo ondulado na verdade, né. Mas diria que falta um pouco de peito, de bunda, essas coisas, né, que dão bastante valor pra uma mulher, né (Sayuri, 17 anos).

Não... agora eu não sou mais gorda [risos]. Não, agora eu me sinto bem melhor, assim, um pouco mais magra ah... alta, assim, ah, não gosto assim de me descrever, não sei... Assim, sou alta até pra japonesa, né, porque japonesas geralmente não são tão altas, né. Ah, eu já não acho que eu tenho o olho tão puxado, né, nariz de batata [risos] (Taís, 23 anos).

Meus amigos... eu falo que sou meio gordo, meus amigos falam que eu não sou gordo, falam que sou grandinho [...]. Eu sou meio grande, da família eu sou o mais alto, mas eu não me sinto alto (Key, 20 anos).

A preocupação dos sujeitos entrevistados com seus corpos *nikkei* vai além dos olhos: eles/elas comentam sobre suas curvas (ora muito exageradas, ora de menos), coxas (muito finas, muito grossas), pernas, barriga (é quase unânime a reclamação que estão gordinhos/as), etc. Sobretudo entre as mulheres, as faltas em seus corpos, se comparados com os modelos identitários femininos propagandeados nos mais diversos meios de comunicação de massa, parece representar uma falta da *natureza*. Por outro lado, como em um dos trechos acima, vimos Mayumi dizer que tem muitas curvas para uma *japa*, e também reclamar que tem pernas muito grossas, fugindo do padrão corporal japonês, o que também não a agrada.

Nota-se que o descontentamento com o corpo é tônica constante nos depoimentos. Alguns se dizem por ora felizes com seus corpos e que não mudariam nada, mas, ao mesmo tempo, nomeiam quais partes ou aspectos poderiam ser melhoradas. Parece que sempre há – e haverá – alguma coisa a ser incrementada, uma possibilidade de progredir, superar-se. A corrida em busca de um corpo perfeito nunca cessa, mesmo para as meninas entrevistadas, Ana e Kamila, que já passaram por cirurgia plástica. Apesar de afirmarem que houve melhora na autoestima, o descontentamento ainda se faz presente. Estar em dia com o corpo é sinônimo de felicidade, uma felicidade um tanto difícil de ser alcançada.

Ao serem indagados sobre padrões de beleza femininos e masculinos, nossos depoentes mencionaram nomes de celebridades da televisão e do cinema, como Ashton Kutcher, Rodrigo Hilbert, David Beckham, Carolina Dickman, Mila Kunis, Jessica Alba, Angelina Jolie, Anna Hickmann. O corpo oriental não seria um corpo universal, mas estaria reservado apenas a certos mercados na mídia. É muito provável que a ânsia em copiar, em

tentar ficar ao máximo parecido com essas e outras celebridades do cinema e da televisão, nem que seja apenas por instantes, tenha sua origem, em parte, no fato de nossas identidades terem se corporificado, em termos nos tornado imagens de nós mesmos. Copiar, imitar o que é socialmente aceito, como a moda e o manequim da vitrine, os estilos e os corpos das pessoas famosas, traz um sentimento de pertencimento e até mesmo de segurança. O problema é que, de acordo com a própria lógica de funcionamento da indústria cultural, conforme nos ensinam Horkheimer e Adorno (1985), essa promessa (de segurança, por exemplo) nunca pode ser cumprida. A indústria cultural logra os seus consumidores porque a promessa de gratificação pulsional pela compra e consumo de suas mercadorias e personagens é adiada indefinidamente, já que sua satisfação significaria o seu próprio fim.

Pensar esse corpo da indústria cultural é considerá-lo, antes de tudo, um produto, uma mercadoria, algo que pode ser manipulado, transformado, vendido, comprado. As roupas e acessórios são parte desse processo, que podemos usar para transformar esse produto, uma embalagem que pode mudar, que pode ser usada para disfarçar, esconder, ou expressar, externalizar certa interioridade que ainda possa estar escondida. Se o “significado conta menos que o signo” (MAFFESOLI, 1996, p. 155), então é preciso dar atenção para as aparências. Se a identidade representa o lugar no qual os indivíduos almejavam repousar, é preciso que seus corpos e as imagens produzidas por eles sejam capazes de cumprir com seu papel. Tanto as aparências quanto o que fazemos delas funcionam perfeitamente nessa empreitada identitária, afinal de contas, “para ser, a vida deve parecer” (MAFFESOLI, 1996, p. 157).

Considerações finais

Traçar um caminho que nos ajudasse a entender a construção das identidades desses jovens descendentes de japoneses nos levou ao encontro da problemática do corpo como fator preponderante nesse entendimento. O *self* torna-se parte visível, a interioridade é transposta ao exterior, à imagem, às aparências. Os investimentos que fazemos nessa direção são homéricos: fazer exercícios físicos, cuidar da alimentação, lançar mão de técnica e produtos de beleza, ou o fato de não fazer nada disso nos traz sentimentos mistos de prazer, pelo dever cumprido ou de culpa.

O corpo torna-se um *outdoor* ambulante que nos promove; uma campanha publicitária involuntária em certos momentos, ou extremamente pensada e articulada em outros. E assim, simples assim, somos expostos aos olhares de espectadores, dos outros, para sermos julgados, esquadrihados, conhecidos, identificados.

Além disso, talvez ainda pudéssemos acrescentar, por mais paradoxal que possa parecer, que os clubes ou as instituições que têm a cultura japonesa como mote, também seriam formas de biossocialidade em que, mas não apenas, indivíduos que partilham das mesmas características corporais, físicas, se agrupam na tentativa de compartilhar interesses comuns. É claro que a questão cultural está envolvida e que não pode ser descartada, porém, como pudemos notar nas entrevistas, muitas vezes as características físicas precediam as culturais. Ser considerado oriental ou não também era e é uma *questão de olhar e ver*.

As identidades pensadas nesse contexto apresentam-se excludentes em determinados momentos, como nos aponta Bauman (2005, p. 85): “as batalhas de identidade não podem realizar a sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções includentes se misturam com (ou melhor, são complementadas por) suas intenções de segregar, isentar e excluir”.

Entretanto, ao mesmo tempo, os processos indenitários levados a cabo pelos nossos entrevistados caracterizam uma forma de interação do corpo social, de forma que não possuem apenas um caráter seletivo e excludente. Na verdade, mais do que separar e segregar, esses mecanismos têm se mostrado, nesse contexto, uma possibilidade de construir formas de socialização, de interação, pintando, assim, um cenário menos apocalíptico e negativo.

O corpo que se mostra é, nas suas diversas modulações, um corpo coletivo. Corpo que come e que toca junto, corpo que canta e que dança em coro, corpo que se ornamenta para as festas coletivas, corpo, enfim, que se epifaniza em telas de televisão. Trata-se de uma curiosa e nova eucaristia que não deixa de fortalecer as numerosas comunidades que se reconhecem nela (MAFFESOLI, 1996. p. 184).

Reunidos pela dança, pela música ou simplesmente em busca de companhia, pela convivência dentro de uma república estudantil onde a maioria é oriental, pelo grau de

parentesco familiar, pelas relações de amizade, o fato é que os *nikkei* constroem identidades que são ambíguas, baseadas em tomadas e retomadas, em um jogo contínuo entre as culturas, entre a educação que receberam em casa ou as experiências que tiveram nos seus tempos de escola; entre o respeito pelas figuras de autoridade, como os pais, pela tradição dos costumes, ou pelas tentadoras formas de modificação corporal.

O que se pode perceber é que esses sujeitos vivem intensamente essa ambiguidade, entre essa identidade que ora é oriental, ora é ocidental, que transita entre dois mundos e muitas fronteiras (materiais e simbólicas). Seus corpos os entregam, os denunciam e, por mais *brasileiros* que se digam e se sintam, não conseguem se *ver* e serem *vistos* como tais.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (Orgs.). **Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória**. São Paulo: Editora da USP, 2010.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. A biotopia do imigrante ideal: nem negro, nem semita, nem japonês. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (Orgs.). **Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória**. São Paulo: Editora da USP, 2010. p. 63-96.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ISHIMORI, K. M. **Viver num corpo estrangeiro: sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para adolescentes insatisfeitos com suas fenotípias**. 163 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEREIRA, Nilza Oliveira de Martins; OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de. Trajetória dos imigrantes japoneses no Brasil: Censo demográfico 1920/2000. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Orgs.) **Resistência & Integração: 100 a nos de imigração japonesa no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2008. p. 32-53.

RIAL, Carmen Sílvia. Japonês está para TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patrícia (Org.). **Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.

SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Org.). **Resistência & Integração: 100 a nos de imigração japonesa no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

SETO, Cláudio; UYEDA, Maria Helena. **Ayumi (caminhos percorridos): memorial da imigração japonesa:** Curitiba e litoral do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

TAKAKI, Natalia. **Corpo, cultura e juventude nikkei: processos de construção identitária.** 140 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. O império do sol nascente no Brasil: entre a idealização e a realidade. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (Orgs.). **Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória.** São Paulo: Editora da USP, 2010. p. 25-62.

TONGU, Érica Ayaco Sacata. **Migrações, processo educacional e os dekasegui: um estudo da rede de relações em torno da criança nikkei na escola brasileira no Japão.** 230 f. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade São Paulo, São Paulo, 2010.

TSUDA, Takeyuki. The Benefits of Being Minority: The Ethnic Status of the Japanese-Brazilians in Brazil. **Working Paper** (The Center for Comparative Immigration Studies), San Diego, n. 21, may 2000. Disponível em: <<http://www.ccis-ucsd.org/PUBLICATIONS/wrkg21.PDF>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração.** 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-72.

RECEBIDO EM 21 DE JULHO DE 2014.

APROVADO EM 16 DE OUTUBRO DE 2014.